



A Santa Sé

**DISCURSO DO PAPA JOÃO PAULO II
NO TÉRMINO DA CONFERÊNCIA EM COMEMORAÇÃO
DOS PONTÍFICES PIO XII E JOÃO XXIII**

8 de Outubro de 1983

*Senhores Cardeais
Irmãos no Episcopado*

1. Agradeço sinceramente aos Cardeais Giuseppe Siri e Franz König, que com tanta eficácia ilustraram e apresentaram à nossa consideração respectivamente os Papas Pio XII e João XXIII de venerada memória.

O meu agradecimento dirige-se também aos outros Cardeais, aos Bispos e às Personalidades, que com a sua presença quiseram não apenas recordar mas honrar estes dois grandes Pontífices, os quais, com a sua acção e o seu ensinamento, são dignos de mérito não só por parte da Igreja mas também da Humanidade. A história, serena e objectiva, poderá e deverá testemunhar e demonstrar, ainda mais e bem melhor de quanto não se tenha podido fazer até hoje, a grandeza espiritual deles e a respectiva dimensão universal.

2. Pio XII — Eugénio Pacelli, Papa por dezanove anos — ergue-se como um *incansável defensor e apaixonado servidor da paz*: na sua primeira mensagem de 3 de Março, no dia seguinte à sua eleição, da Capela Sistina Ele dirigia aos filhos da Igreja e a todos os homens o convite e a exortação à paz. Escreveu e actuou com denodo a fim de que não arrebetasse a guerra — a terrível segunda guerra mundial; depois fez de tudo para reduzir os efeitos deletérios e trágicos do imenso conflito, que se ampliava cada vez mais e provocava milhões de vítimas; esforçou-se com todos os meios para apressar a paz e por aliviar os sofrimentos do duro período do após-guerra. "Com a paz nada se perde, com a guerra tudo pode ser perdido!"; esta sua angustiada exclamação, quase bradada na vigília do desastre, infelizmente não foi escutada, e foi uma profecia!

Nos seus dezanove Discursos natalícios, que o Seu Sucessor definiu "monumento da sua sabedoria e do seu apostólico fervor", Pio XII tratou da paz como harmonia de justiça e de caridade: paz das consciências, paz das famílias, paz social, paz internacional. O Papa Paulo VI, que durante anos tinha quotidianamente trabalhado ao seu lado, pôde dizer dele: "Devemos recordá-lo, Pio XII, como homem forte e amoroso, pela defesa da justiça e da paz, solicito por toda a desventura humana, que se tornou multiforme e imensa de modo especial no período da guerra; Ele estava totalmente alheio a atitudes de consciente omissão de qualquer possível intercessão sua, todas as vezes que estivessem em perigo os valores supremos da vida e da liberdade do homem, antes, Ele ousou sempre tentar, em circunstâncias concretas e difíceis, quanto lhe era possível para evitar todo o gesto desumano e injusto" (*Insegnamenti di Paolo VI, XII, 1974; pp. 222 s.*).

Nós queremos também recordar, a respeito do inesquecível Papa, o luminoso Magistério no campo bíblico, teológico, moral e social; a nova tradução do Saltério; as escavações junto do túmulo de São Pedro; a promulgação e a realização do Ano Santo de 1950, que trouxe a Roma milhões de peregrinos sedentos de Deus; a definição solene do dogma da Assunção de Maria Santíssima, a 1 de Novembro daquele mesmo Ano Santo de 1950.

3. Sucedeu-lhe João XXIII — Ângelo Giuseppe Roncalli. Pouco mais de quatro anos de Pontificado, mas caracterizado pela sua personalidade de Supremo Pastor manso, sereno e clarividente, que deixou um traço indelével na história da Igreja. Depois de alguns meses da sua eleição, a 25 de Janeiro de 1959, em São Paulo fora dos Muros ele dava anúncio do Concílio Ecuménico, do Sínodo Romano e da Revisão do Código de Direito Canónico para a Igreja Latina. Ele pôde ver a conclusão do Sínodo Romano, deu início e seguiu as primeiras fases do Concílio e da reforma jurídica. Mas estes dois eventos eclesiais trazem sem dúvida a sua marca profética e permanecerão ligados ao seu nome e à sua intuição, que entrevia a necessidade, do "renovamento" interior e da "actualização" de algumas estruturas da Igreja peregrina que deve caminhar e dialogar com os homens do seu tempo.

Do fecundo Magistério de João XXIII permanecem dois Documentos, que suscitaram, na época da publicação deles, um profundo eco e emoção no mundo inteiro: a Encíclica "*Mater et Magistra*" de 15 de Maio de 1961, pelo 70º aniversário da "*Rerum Novarum*" do Papa Leão XIII, e a "*Pacem in terris*" de 11 de Abril de 1963, quase na iminência da sua morte. "A paz na terra, anélito profundo dos seres humanos de todos os tempos, pode ser instaurada e consolidada só no pleno respeito da ordem estabelecida por Deus", era o grandioso tema daquele Testamento espiritual, deixado pelo grande coração de João XXIII a toda a humanidade em sintonia e coerência com o ensinamento e com o empenho do seu Predecessor Pio XII.

Não posso não salientar o intenso impulso que João XXIII deu com a sua personalidade, com a sua obra e o seu magistério, ao *ecumenismo*. No primeiro anúncio solene do Concílio, Ele colocava a união dos cristãos como um dos grandes objectivos da Assembleia ecuménica; as

Comunidades não católicas eram convidadas a segui-lo "nesta busca de unidade e de graça" (*Discorsi, Messaggi, Colloqui del S. P. Giovanni XXIII*, I, 133); A partir de então falou sem cessar desta finalidade do Concílio, convidou continuamente à oração, ao empenho, à acção, à mútua compreensão; encontrou-se com Personalidades de Confissões e Comunhões cristãs. Na fase preparatória do Concílio, com o Motu Proprio *Superno Dei*, de 5 de Junho de 1960, instituía, além das várias Comissões, um específico Secretariado com o fim de manifestar o amor e a benevolência da Sé Apostólica para com os cristãos não católicos, para que pudessem seguir os trabalhos do Concílio, e encontrar com mais facilidade o caminho para alcançar aquela unidade invocada por Jesus. Nascia assim o Secretariado para a União dos Cristãos.

Por esta união João XXIII oferecia, a sua vida ao Senhor: "Ofereço a minha vida pela Igreja, a continuação do Concílio Ecuménico, a paz do mundo e a união dos Cristãos... A minha jornada terrena está a terminar; mas Cristo vive e a Igreja continua a tarefa sua; as almas, as almas, *ut unum sint, ut unum sint...*" (o. c. V. 618 s).

Foram as suas últimas palavras, pronunciadas nesta terra.

Nós prestamos hoje o nosso devido e humilde agradecimento à Trindade Santíssima, por ter dado à Igreja estes dois Papas, para os quais ela com legítimo orgulho pode dirigir o seu olhar como para seguros guias e exemplos de fé inabalável e de caridade fecunda.